



Universidade Federal do Pará
Instituto de Ciências da Educação
Faculdade de Educação

Cláudio Renan dos Santos Moura

**Reflexões de um aluno com familiar surdo sobre os
desafios do ensino bilíngue**

Belém / Pará
2022

Cláudio Renan dos Santos Moura

Reflexões de um aluno com familiar surdo sobre os desafios do ensino bilíngue

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade em Educação no Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, como obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação da Professora Dra Andréa Pereira Silveira.

Belém/ Pará
2022

Cláudio Renan dos Santos Moura

**Reflexões de um aluno com familiar surdo sobre os
desafios do ensino bilíngue**

Aprovado em: / /

Banca Examinadora

Prof.^a Dra Andréa Pereira Silveira
Orientadora – UFPA

Prof.^a Dra Christianne Thatiana Ramos de Souza
Examinador Interno – UFPA

Prof. Me. Huber Kline Guedes Lobato
Examinador Interno – UFPA

Tenho a certeza de que, sem a minha base familiar, este sonho não teria sido realizado. Dedico este memorial à minha família, especialmente à minha mãe Cláudia e irmã Glauciane. Seremos sempre CGC. Também, em especial, dedico este trabalho ao meu pai Ruy (in memoriam), que me ensinou o valor da educação para compreender o mundo. Meus agradecimentos nunca serão suficientes para expressar minha gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para não desanimar durante a realização deste trabalho, que fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos os meus anos de estudos.

À minha amada mãe Cláudia Santos, que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço, além de me proporcionar a assistência que precisei para que pudesse me tornar graduado em Pedagogia. À minha irmã Glauciane Santos, que além de incentivadora e modelo de análise deste memorial, mostrou-me sempre apoio, carinho e que me fez ter confiança nas minhas decisões.

Ao meu pai Ruy Moura (in memoriam), que me ensinou valores que carrego comigo em todos os momentos e que de algum lugar vibra com a minha vitória. Obrigado por me olhar de algum lugar.

Agradeço a todos os meus professores do curso que contribuíram com a minha trajetória acadêmica, especialmente à Andréa Pereira Silveira, professora da disciplina de Libras e com a graça e poder do destino, minha orientadora. Obrigado por esclarecer tantas dúvidas e ser tão atenciosa e paciente comigo, além de me apoiar quando mais precisei.

Agradeço também aos meus amigos Alexsandro, Bianca, Gleice, Rarima e Rodrigo, que convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como pedagogo. As risadas que vocês compartilharam comigo nessa etapa desafiadora da vida acadêmica também fizeram toda a diferença.

Agradeço, com imensa saudade, ao meu amigo Lucas Lorrán (in memoriam), que dedicou todo seu conhecimento para me auxiliar no ano de vestibular. Sem sua ajuda, o caminho teria sido muito mais difícil. Sinto sua falta. Essa vitória é nossa!

Agradeço, por fim, às pessoas com quem convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.

Talvez não tenhamos conseguido fazer o melhor, mas lutamos para que o melhor fosse feito. Não somos o que queremos ser, não somos o que iremos ser, mas, graças a Deus, não somos o que éramos!

Martin Luther King.

RESUMO

O presente memorial mostra o meu ponto de vista como estudante do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Pará sobre as dificuldades que uma pessoa com deficiência enfrenta na educação básica. O objetivo compreende narrar um pouco da minha história de vida e da minha relação com a minha irmã, que é surda, bem como relacionar os avanços que houveram acerca da Língua Brasileira de Sinais, dos direitos e conquistas que a comunidade logrou em concomitância com os acontecimentos da minha vida pessoal. Apresento como ponto de partida as minhas reflexões na infância, experiências no Ensino Básico no que diz respeito à inclusão de pessoas com deficiência, e agregando as minhas escolhas para a graduação e as oportunidades vividas no Ensino Superior. Redigir este memorial acadêmico através de uma cronografia buscou ressaltar os meus princípios e conhecimentos sobre o assunto em cada momento específico da minha vida, resultando em um memorial dividido em quatro seções. Dou início com alguns questionamentos sobre a Libras e a inclusão na minha infância e ensino básico, trazendo relações com o ensino básico da minha irmã. Logo após, trago autores que mencionavam a importância da inclusão e ensino de Libras nas escolas regulares e questiono os motivos de ainda não haver consideráveis mudanças na educação da época. Nas seções seguintes relato sobre as mudanças que tive no ensino básico e os desejos e pensamentos sobre o ensino superior, além de comentar meu processo para o ingresso na UFPA. Nas seções finais, reflito sobre as minhas experiências na graduação e como relaciono isso com a educação que a minha irmã teve no ensino básico. Concluo o memorial acadêmico com as considerações finais expondo a importância da construção desse trabalho de conclusão de curso na modalidade memorial, mostrando a significado da análise do meu ensino básico, do ensino básico da minha irmã, quais mudanças ainda precisam ser feitas para que haja de fato a inclusão no ensino básico.

Palavras-chaves: Libras, bilinguismo, inclusão, pessoa surda, comunidade surda.

ABSTRACT

This memorial shows my point of view as a student of a full degree course in pedagogy of Federal University of Pará about the difficulties that a disabled person faces in basic education. The objective comprises narrating a little of my life story and my relationship with my sister, who is deaf, as well as relating the advances that have been made regarding the Brazilian Sign Language, of the rights and achievements that the community achieved in conjunction with the events of my personal life. I present as a starting point my reflections on childhood, experiences in Basic Education with regard to the inclusion of disabled person, and adding my choices for graduation and the opportunities experienced in Higher Education. Composing this academic memorial through a chronography sought to highlight my principles and knowledge on the subject in each specific moment of my life, resulting in a memorial divided into four sections. I start with some questions about Libras and inclusion in my childhood and basic education, bringing relationships with my sister's basic education. Soon after, I bring authors who mentioned the importance of including and teaching Libras in regular schools and question the reasons for the still not having made considerable changes in education at the time. In the following sections, I report on the changes I had in basic education and the desires and thoughts about higher education, in addition to commenting on my process for entering UFPA. In the final sections, I reflect on my undergraduate experiences and how I relate this to my sister's elementary school education. I conclude the academic memorial with final considerations exposing the importance of building this course conclusion work in the memorial modality, showing the meaning of the analysis of my basic education, my sister's basic education, what changes still need to be made so that there is fact the inclusion in basic education.

Keywords: Libras, Bilingualism, Inclusion, Deaf Person, Deaf Community.

LISTA DE SIGLAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado
DPAC - Distúrbio do Processamento Auditivo Central
E.E.E.F.M - Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio
IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IFS - Instituto Filippo Smaldone
NEE - Necessidades Educacionais Especiais
ONU - Organização das Nações Unidas
PCS - Programa Conexões de Saberes
PRISE - Programa de Ingresso Seriado
PROEX - Pró-Reitoria de Extensão
SEMEC - Secretaria Municipal de Educação e Cultura
TCC - Trabalho de Conclusão de Curso
TEA - Transtorno do Espectro Autista
UEPA - Universidade do Estado do Pará
UFPA - Universidade Federal do Pará
UVA - Universidade Vale do Acaraú

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Minha família	16
Figura 2: Primeiro dia de aula da Glauciane no Instituto Filippo Smaldone	17
Figura 3: Participação em festas juninas do Instituto Filippo Smaldone	20
Figura 4: Glauciane na Coroação de Nossa Senhora de Fátima no Instituto Filippo Smaldone	21
Figura 5: Apresentação da Glauciane em peças escolares	23
Figura 6: Confraternização dos alunos concluintes do ensino fundamental	24
Figura 7: Passeio em família no Clube dos Advogados, Belém - PA	27
Figura 8: Passeio a praia do Atalaia, em Salinópolis - PA	28
Figura 9: Glauciane com Gisele e outras colegas em passeios	29
Figura 10: Formatura no Colégio São Paulo	33
Figura 11: Comemoração da aprovação no vestibular com Lucas e Lorena	39
Figura 12: Presença da Glauciane durante a disciplina de Libras na UFPA	42
Figura 13: Glauciane no cinema utilizando recurso tecnológico	51

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. A EDUCAÇÃO BÁSICA: INÍCIO DA COMPREENSÃO SOBRE O QUE É DEFICIÊNCIA	16
2.1. DIFICULDADES OBSERVADAS NO PROCESSO DE INCLUSÃO	25
3. O INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR	31
3.1. O MAIOR SONHO TORNANDO-SE REAL: A ADMISSÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ	35
3.2. AS DISCIPLINAS: LIBRAS E EDUCAÇÃO INCLUSIVA COMO ESTÍMULO NA MUDANÇA DE PONTO DE VISTA	40
3.3. AS EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO NÃO-OBRIGATÓRIO COMO O DESPERTAR PARA APROFUNDAR OS ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO INCLUSIVA	43
4. OS AVANÇOS E LIMITES NA EDUCAÇÃO DE SURDOS	49
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
6.REFERÊNCIAS	56
APÊNDICES	60

1. Introdução

O presente trabalho de conclusão de curso, em forma de memorial, tem como objetivo narrar um pouco da minha história de vida e da minha relação com a minha irmã, que é surda, bem como relacionar os avanços que houveram acerca da Língua Brasileira de Sinais - Libras, dos direitos e conquistas que a comunidade logrou em concomitância com os acontecimentos da minha vida pessoal, a escolha de cursar pedagogia e as experiências na educação bilíngue e inclusiva. Assim, a construção desse memorial que envolve sentimentos, lembranças, conquistas, vivências em classe e extraclasse provoca extrema emoção, além de demonstrar gratidão à minha irmã, Glauciane Mayara Ferreira dos Santos, que me mostrou sua coragem e força para ter uma educação, mesmo com as diversas dificuldades encontradas ao longo da trajetória.

Escrever esse memorial me trouxe a possibilidade de lembrar algumas memórias sobre meu trajeto educacional além de, após estudos na universidade, comparar meu processo de ensino na educação básica ao da minha irmã, que é surda. Escolher falar sobre uma única deficiência em vez de várias, mostra que é preciso refletir na diversidade que existe dentro do público com pessoas específicas e que quando se pensa em inclusão como algo único, não é o bastante. A comunicação exemplifica os desafios enfrentados pelas pessoas com deficiência auditiva. Dessa dificuldade, surgem vários outros problemas como o mercado de trabalho, baixo acesso ao Ensino Superior, entre outros. Problemas esses que rodearam a minha irmã por alguns anos.

Esse memorial me permitiu também narrar minhas experiências de estágio obrigatório e não obrigatório, além de experiências como bolsista PROEX da UFPA, utilizando dessas experiências uma análise do que ainda pode ser estudado e refletido sobre a educação inclusiva, a fim de apresentar possíveis mudanças para melhor qualidade de ensino.

No início da graduação, quando de fato entendi o significado do Trabalho de Conclusão de Curso, sempre desejei comentar acerca da educação inclusiva, pois sempre percebi que essa temática é o que me motivou a escolher o curso de Pedagogia, me motivou também nas discussões em classe e extraclasse, mostrando que é a minha missão enquanto educador, trabalhar com a inclusão. Mesmo que eu já tivesse em mente sobre qual tema falaria, não tinha qualquer ideia sobre como

trabalhar. A primeira opção surgiu como um tradicional artigo, onde seria retratado a dificuldade em trabalhar e adequar a educação inclusiva no ambiente escolar. Esse interesse surgiu no quarto semestre do curso, quando as disciplinas de Libras e Educação Inclusiva apresentaram para discussão em sala de aula alguns assuntos que retratam o atraso da inclusão em escolas públicas.

Desde 2021 sou integrante do Grupo de Estudo Interdisciplinar em Teoria Social Cognitiva (GEITSC), do Instituto Federal do Pará (IFPA), e lá estudei e entrei em discussão sobre como a realidade do aluno com deficiência pode auxiliar para que as mudanças no ensino futuro sejam mais corretas. Após a passagem pelo sexto semestre, onde iniciei a disciplina de TCC I, decidi que o memorial relatando a minha experiência com a minha irmã era a melhor escolha para meu trabalho final.

A Glau, apelido dado por nós, é surda de nascença. Minha mãe contraiu catapora em uma viagem de navio quando ela estava voltando para Macapá, após um encontro de jovens da igreja em Belém do Pará. Minha mãe sempre procurou fazer todos os exames e consultas gestacionais para que a Glauciane tivesse todo apoio necessário para nascer saudável. E felizmente aconteceu.

No dia 15 de março de 1987 minha irmã nasceu considerada “normal” para as crianças nos anos finais da década de 80. Após alguns meses, foi notório que a minha irmã não respondia quando era chamada pelo nome, ou quando alguém fazia algum som para chamar sua atenção, mas até então achavam que era apenas fase. Ao chegar no seu primeiro ano de vida, nossa mãe começou a ficar preocupada com essa dificuldade da minha irmã em não responder aos estímulos auditivos que eram feitos a ela e após alguns obstáculos, conseguiu marcar uma consulta.

Durante a consulta, após alguns movimentos de estalo dos dedos ao redor da cabeça da Glauciane, o médico diagnosticou minha irmã da seguinte forma: “Sua filha é surda, volte daqui a um ano para avaliar novamente”. Desde o momento em que a minha mãe contou essa história pela primeira vez, refleti sobre como a deficiência poderia ser tratada daquela maneira, ou se existia algum conhecimento sobre a deficiência além da física, visto que isso ocorreu no ano de 1988.

De acordo com a Constituição Brasileira de 1988:

a utilização da expressão “deficiente” já não era adequada. O termo trazia a ideia de “falta”, de “defeito”, de incompletude, o que era adequado a um Estado Democrático de Direito. A expressão usada, portanto, foi “pessoa portadora de deficiência”. Para os moldes de 1988, a terminologia está mais do que adequada. No entanto, com o advento da Convenção da ONU, que

falaremos a seguir, a expressão correta passou a ser “pessoa com deficiência”. E isso porque a pessoa não “porta” uma deficiência. As deficiências não são portáteis. Assim, a expressão adequada é “pessoa com deficiência”, nos termos da Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, que foi incorporada ao texto constitucional por força do Decreto Legislativo 186/2008 e pelo Decreto 6.949/2009 (BRASIL,1988. n.p)

É notório perceber como a informação acerca da deficiência torna o caminho para a aceitação e luta mais longo. Segundo Mazzotta (1996, p.189), um dos principais períodos da Educação Especial, de 1957 a 1993, foi tido como importante pois o governo federal assumiu as obrigações da Educação Especial, surgindo assim a Campanha para Educação do Surdo Brasileiro - C.E.S.B. Pelo Decreto Federal nº42.728, de 3 de dezembro de 1957. Diante do exposto, cabe 62o questionamento: por que mesmo após 31 anos de criação das campanhas o assunto ainda não é de conhecimento de todos.

Resolvi trabalhar com o memorial pois acaba sendo um mecanismo que fará parte da aprendizagem que procuro na minha vida profissional, onde me possibilita ser o narrador e personagem dessa história escrita. Durante a minha trajetória acadêmica, tive contato com poucos memoriais, mas todos foram de extrema importância para estudo pois sempre trouxeram relatos de experiências que direta ou indiretamente modificaram alguns conceitos que eu tinha anteriormente. Para Walter Benjamin, “O saber que vem de longe encontra hoje menos ouvintes.” (BENJAMIN, 1985, p. 201). No pressuposto do autor, é perceptível que devemos dar valor ao saber científico, que atualmente possui menos interesses do que antes, assim como as vivências pessoais e profissionais, que são essenciais para uma melhor reflexão do trabalho e da identidade de um professor (NÓVOA,2009).

Acredito que esse registro é essencial pois é através deste que o professor pode tomar consciência da sua identidade para ser um educador, observando que tal prática nos permite refletir sobre a nossa formação e também nosso papel e missão profissional.

Assim sendo, este memorial narra o caminho traçado até aqui, que foi repleto de dúvidas, ansiedades, esperanças e questionamentos sobre a educação especial, a falta de inclusão e capacitismo, tais como: o que se sabia sobre a educação especial até o momento em que eu comecei a entender que queria ser educador? Nós professores estamos preparados para trabalhar com um aluno com necessidades educacionais especiais, mesmo possuindo formação? Por que mesmo após 20 anos

de criação da lei que reconhece a Libras como meio de comunicação e expressão, os professores das classes regulares de ensino ainda não conseguem interpretar uma aula para um aluno surdo?

Severino (2007) argumenta que o memorial possua em sua estrutura subdivisões com tópicos que destaquem os momentos mais significativos. Desta forma, considerando o que o autor apresenta quanto à estrutura de um memorial, este se encontra dividido em cinco seções. A primeira seção é a presente introdução, na qual consta alguns motivos e explicações para a escolha que conduziu a construção do trabalho; na segunda abordo o início de toda a minha compreensão sobre o que era denominado deficiência e como certos comportamentos da minha irmã com a família poderiam ser diferentes do que era dito como “normal”.

Na terceira seção, que denominei como “O ingresso no Ensino Superior”, exponho os motivos que me fizeram escolher a área da educação, além de poder perceber as diversas dificuldades que a Glauciane passou para concluir o ensino médio e como o destino também fez com que a educação inclusiva fosse a minha missão em vida profissional. Na quarta parte, a comparação das formas de ensino atuais que não existiam antigamente fez com que fosse criado um tópico específico para compreender e aprofundar as reais problemáticas que tornavam situações hoje consideradas inclusivas, inimagináveis no início do século XXI.

Por fim, na quinta seção, apresento as considerações finais, apontando algumas observações sobre cada seção apresentada, confirmando os aprendizados e desafios mencionados durante minha trajetória pessoal e profissional, ressaltando a importância e a contribuição das minhas vivências para a formação docente, de acordo com as experiências obtidas.

2. Início da compreensão sobre o que é a deficiência

Desde o momento em que entendi que precisava aprender uma forma diferente de comunicação para que a minha irmã compreendesse o que eu dizia, percebi que eu tinha que ser um menino super engajado para que tivéssemos uma boa relação.

Figura 1: Minha Família



Fonte: Acervo pessoal

Minha mãe, Cláudia Santos, é natural de Macapá - Amapá e formou-se no ensino médio através do programa de magistério. Infelizmente não pode exercer a função de professora em Belém do Pará por não ter informações suficientes para ingressar em escolas e por vir somente com a minha irmã de mudança para Belém, tendo em mente uma única preocupação: como posso trabalhar se não há ninguém para cuidar da Glauciane?

Assim, minha mãe e irmã vieram para Belém, pois minha progenitora havia entrado em contato com uma escola da capital paraense chamada Instituto Filippo Smaldone¹. Ao contactar a escola, conheceu a Irmã Claudina, que orientou de todas

¹ A congregação estabeleceu-se em 1972, na cidade de Belém – PA, iniciando suas atividades em 25 de março de 1973, com 27 alunos surdos na faixa etária de 0 a 14 anos, em regime de semi-internato (hoje Educação de Tempo Integral), matriculados em turmas de alfabetização à 4ª série do Ensino Fundamental.

as formas possíveis para que a mamãe compreendesse o que era a deficiência e o que podia ser feito pela Glauciane.

Sassaki (2002) diz que durante meados da década de 70, o movimento de integração social passou a ser discutido, projetando a inserção do deficiente na sociedade de uma forma geral. Diante do exposto, é perceptível que essa prática de integração teve um impulso após a década de 80, através do surgimento dessa luta pelos direitos das pessoas com necessidades educacionais especiais.

Percebo então o motivo da minha mãe não compreender ou saber o que de fato se falava sobre deficiência na época, além de perceber que os locais de apoio não eram bem distribuídos no país. Foi então que, em um tom de brincadeira com a irmã Claudina, minha mãe disse que viria pra Belém. A irmã respondeu que caso fosse verdade, a Glauciane ganharia uma vaga dentro da escola, e como toda mãe que preza pela educação do filho, acabou vindo para a cidade das mangueiras.

Figura 2: Primeiro dia de aula da Glauciane no Instituto Filippo Smaldone



Fonte: Acervo pessoal

Meu primeiro contato com a língua de sinais foi através de uma oportunidade oferecida pelo Professor Cléber Couto, que ministrava aulas na antiga Universidade Vale do Acaraú (UVA).

Lembro que minha mãe sempre dedicou todo seu aprendizado no curso do magistério para ensinar-me a ler e escrever com perfeição. Aprendi a ler e escrever

aos 4 anos de idade. Compreendi que a minha mãe necessitava que eu aprendesse a ler e escrever muito cedo pois ela não entendia muito a Língua Brasileira de Sinais, fazendo com que eu fosse até mesmo o intérprete entre ela e a Glauciane, e também ajudasse a Glau em situações do cotidiano.

Lembro vagamente que mal assistia às aulas do curso por ter um conteúdo entediante e procurava brincar na sala de aula, porém, mesmo através da distração típico de uma criança de 06 anos aprendi muitas informações e sinais cruciais para conseguir comunicar com a minha irmã. Não me recordo com exatidão sobre como iniciamos o curso, mas lembro que a maioria dos alunos que estavam na sala de aula eram pais de alunos surdos que estudavam no Instituto Filippo Smaldone.

De acordo com o documento *Educação Inclusiva: a família* (BRASIL, 2004, p. 51), “os pais ouvintes devem procurar aprender a língua de sinais e, ao mesmo tempo, devem facilitar a comunicação com seu filho surdo, no intuito de gerar equilíbrio que satisfaça as necessidades de todos”. Com isso, percebi a necessidade dos pais de alunos que estavam dispostos a participar do curso proposto na Universidade. Os pais não podem tratar a criança surda como o centro das atenções, mas como parte da família além de, em colaboração com a escola, estimular a criança a sentir prazer em interagir com outras pessoas, tendo sempre algo que possa ensinar, mas também à aprender.

Mesmo que eu estivesse aprendendo a Libras, eu ainda não tinha a real noção do que era a deficiência, de quais eram as limitações da minha irmã, e quais direitos ela ainda teria que lutar para conseguir. No ano de 2006, a Organização das Nações Unidas - ONU elaborou o documento mais importante da história dos direitos das pessoas com deficiência: a Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência. O documento reafirmou todos os princípios dos direitos humanos e reconheceu o princípio da mobilidade, acessibilidade e inclusão, transformando os direitos das pessoas com deficiência uma obrigação dos Estados que eram membros dessa organização. As questões de acessibilidade eram pouco discutidas no meu ambiente escolar, sendo eu estudante de escola particular religiosa durante todo o ensino fundamental. Questões de inclusão eram menos discutidas ainda, pois haviam poucos alunos que frequentavam a sala de aula junto comigo, no ensino regular. Diante disso, qual era a real necessidade de debater esse assunto em sala de aula?

O educador cubano Rafael Rodríguez (2001) afirma que é uma ingenuidade intelectual falar de educação inclusiva sem pensar na realidade social de exclusão

que a maioria dos povos está presente, e esse pensamento comprova o quanto o sistema de ensino, público ou particular, não respeitava a necessidade e a importância de discutir sobre como os alunos com necessidades educacionais especiais - NEE poderiam ser incluídos na sala de aula, e posteriormente, na sociedade.

Agradeço imensamente à minha mãe por obter toda paciência e dedicação do mundo em me ensinar sobre a deficiência e inclusão desde quando eu era pequeno sem desrespeitar qualquer pessoa. Na escola que estudei, tive colegas que tinham Síndrome de Down, Cegueira, Deficiência Física e Baixa Visão, ou denominada também como visão subnormal. Todos foram em anos diferentes e todos também não passaram mais de um ano letivo no colégio. Seria por motivos financeiros? Ou por falta de inclusão dos alunos na sala e no ambiente escolar? Segundo análise e entrevistas sobre as dificuldades no processo de inclusão de Barros et al (2015, p.154):

Os resultados dessa análise revelam que as dificuldades encontradas pelos entrevistados incluem a falta de materiais, recursos e equipamentos adaptados aos alunos com deficiência visual; o número elevado de alunos nas classes comuns; a falta de formação adequada de professores à diversidade dos alunos, entre outras.

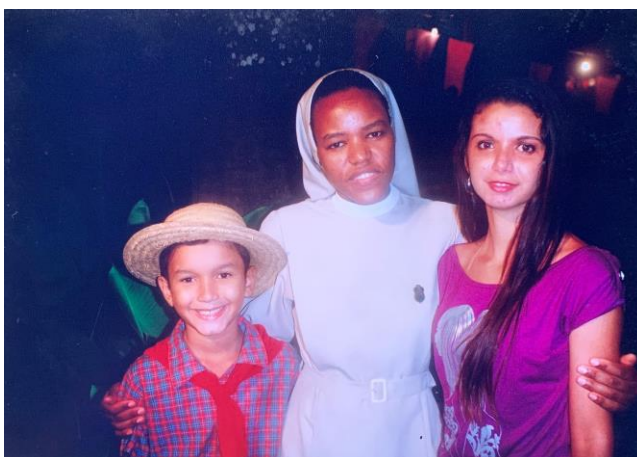
Conforme a exposição dos autores, de um artigo publicado em 2015, os problemas referentes à falta de material e de professores qualificados ainda persistem. A proposta da educação inclusiva torna-se viável quando se buscam métodos para modificar a estrutura, a organização e o funcionamento da escola, numa ação educativa, capaz de atender às diferenças individuais dos alunos (BLANCO, 2001).

Percebi que os maiores fatores de compreensão do que era de fato a deficiência foram os preconceitos, os julgamentos e exclusões que minha irmã sofreu durante a juventude. Por que eu podia falar com qualquer pessoa em um lugar e a minha irmã não? A Glauciane sempre foi muito desconfiada de tudo e de todos e quase não gostava de sair para passear, aniversários ou qualquer outro evento, porém analisando agora, percebi que tudo isso aconteceu por conta da sua deficiência. Ela não gostava de sair conosco (eu e minha mãe) mas sempre gostava de sair com suas amigas da escola, que também eram surdas. Na época eu acreditava que eu não era o suficiente pra ser amigo dela, mas na realidade, era simplesmente o fato de eu não saber falar libras totalmente bem quanto suas amigas, além da diferença de 13 anos

que tínhamos. Enquanto eu já estava com 06 anos no primeiro ano do ensino fundamental, minha irmã já estava com 19 anos, na flor da juventude e com uma mentalidade diferente da minha.

Outro ponto importante para a minha compreensão da deficiência foi fazer-me presente no Instituto Filippo Smaldone (IFS) junto com a minha mãe, onde conheci alguns professores da minha irmã, tais como Cléber Couto² e Socorro Bonifácio³, duas pessoas que foram extremamente importantes para minha irmã e consequentemente minha família.

Figura 3: Participação em festas juninas do Instituto Filippo Smaldone



Fonte: Acervo pessoal

No instituto tive a maior certeza de todas: a deficiência não significa limitação. Todos os seres humanos nascem iguais em dignidade e direitos (ONU,1948) e lá no instituto ocorria todas as atividades em que uma escola “regular” tinha. Glauciane já atuou, já dançou, já performou e até participou da Coroação de Nossa Senhora de Fátima. Havia poucas ou quase nenhuma atividade em que os alunos não realizavam. Após esse convívio com o IFS, passei a acreditar que minha irmã não era diferente

² Cleber Couto possui graduação em pedagogia pela Universidade Estadual Vale de Acaraú e é especialista em Educação Inclusiva pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Atualmente é professor na Secretaria Municipal de Educação e Desportos de Belém. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: palhaços surdos, inclusão, educação dos surdos e Língua Brasileira de Sinais.

³ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2005) e Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (2011). Possui especialização em Libras pela Faculdade Montenegro (2012). Atua na área de Educação de Surdos, no Atendimento Educacional Especializado e no ensino da Libras.

das outras pessoas, essas outras pessoas que não prestavam assistência e inclusão para minha irmã ser mais independente e feliz.

Figura 4: Glauciane na Coroação de Nossa Senhora de Fátima no Instituto Filippo Smaldone



Fonte: Acervo Pessoal

Os anos foram passando e aos poucos ia compreendendo mais como a sociedade rotulava a Glauciane como uma pessoa que não era capaz de fazer tudo sozinha, ou que em algum momento da vida ela não iria tornar-se independente. Mas ao mesmo tempo em que isso ia acontecendo, eu tentava demonstrar ou ajudar de alguma forma para que ela não se sentisse acomodada ou revoltada com a pressão que sofria.

Através da graduação em Pedagogia, tive a oportunidade de estudar e assimilar o ponto de vista do professor, e não só a do aluno que fui em meados dos anos 2000. Foi possível então perceber como o professor tem dificuldade e preocupações para dialogar com os alunos sobre inclusão e deficiência, mais ainda quando não há convívio de pessoas com deficiência no ambiente escolar. Grande parte da preocupação do professor é devido à insegurança quando relacionado à sua experiência, observando que nos cursos superiores aprendeu-se apenas a lidar com a teoria e não obteve acesso às práticas pedagógicas com alunos especiais. (DA SILVA e ARRUDA, 2014, n.p.).

Tive a necessidade de aprender o que era a deficiência da minha irmã muito cedo, para que eu pudesse ajudar a enfrentar comentários preconceituosos, ajudar em situações do dia-a-dia como ir ao supermercado, ou uma loja, e repassar todo esse conhecimento que aprendi para outras pessoas caso visse alguma ação inapropriada.

Ao longo do tempo, fui percebendo que até mesmo os “familiares” quando vinham de Macapá a Belém à passeio não demonstravam o mínimo de conhecimento sobre a reabilitação e a determinação da Glauciane, que com o incentivo da minha mãe e em alguns momentos até meu, conseguiu conquistar alguma independência, socialização e uma vida “normal”, dentro de suas limitações. Eu acredito que se todos os parentes, mesmo que em outro estado, agissem com solidariedade, boa vontade e apoio tanto à Glau quanto à minha mãe, por enfrentar tudo sozinha, certamente iria contribuir muito para que minha irmã pudesse se sentir mais amada, acolhida e não tratada com indiferença. Essas ações simples de convívio somariam nas lutas pela inclusão social das pessoas com deficiência e NEE, que necessitam de todo respeito.

Alguns comportamentos da Glauciane me traziam dúvidas sobre o motivo dela executá-los, como: quando observava ela lavando a louça após o almoço, ela sinalizava consigo mesmo, o que para nós ouvintes é entendido como “falar sozinho”. Ou seja, para a Glau falar sozinha ou pensar em alguma conversa, ela sinalizava para que ela mesmo pudesse ver o que estava falando.

A língua é vista como tudo que a significação envolve, tendo valor semiótico, que não se restringe apenas a uma única forma de comunicação, e é através dela que o pensamento do indivíduo é constituído (GOLDFELD,1997). Entendendo o que a autora fala, agora é possível constatar que quando a Glauciane sinalizava para que ela mesmo pudesse interpretar o assunto que passava pela sua cabeça, tinha a intenção de organizar os pensamentos. Acredito até que esse hábito ajudou a Glauciane a desenvolver sua imaginação, língua, raciocínio e memória. Após esse estudo, cabe a mim o questionamento: Será que um ouvinte, que não compreende sobre a deficiência, ao olhar a Glauciane falando sozinha, acharia que ela tivesse um problema mental?

Dona Cláudia, mãe solteira e com uma filha surda, sempre disse que somos uma família de três pessoas. De acordo com Silva (1988), quanto mais adequada e correta for a revelação do diagnóstico, menor será a situação de desamparo enfrentada pelos pais. A autora enfatiza a importância da interpretação dada pela mãe

ao problema como um fator que pode determinar as reações da mãe em relação à criança. Percebo que se a minha mãe não tivesse procurado conhecimento e tratamento certo para a Glauciane, a realidade hoje talvez seria diferente.

Por um longo período, eu, minha mãe e irmã achávamos que éramos diferentes das outras famílias, que era impossível viver o universo das experiências normais. Mas através da educação que minha irmã teve no IFS, citadas anteriormente, muitas oportunidades que achávamos que fugiria da capacidade da Glauciane de realizar, aconteceram. Jamais imaginaria que a Glauciane pudesse dançar em uma apresentação através da música cantada pela língua de sinais, ou que ela pudesse atuar em peças escolares.

Figura 5: Apresentação da Glauciane em peças escolares



Fonte: Acervo pessoal

Outro problema que tive dificuldade de entender foi a forma de ensino que o Filippo Smaldone exercia. Diante de todos os acontecimentos que fizeram parte da história dos surdos, o congresso de Milão⁴ foi um fator determinante da educação dessas pessoas, pois teve como principal consequência a proibição oficial do uso da língua de sinais na educação dos surdos, resultando na implantação do oralismo.

⁴ O Congresso de Milão foi na verdade a primeira conferência internacional de educadores de surdos. Mais de 160 educadores e especialistas reuniram-se entre 6 e 11 de setembro de 1880 para discutir os rumos da educação das pessoas surdas. Esse grupo de pessoas era na maioria ouvinte. Era uma época onde acreditava-se na superioridade da língua falada, considerando as línguas gestuais um retrocesso na evolução da linguagem.

A Glauciane tem uma porcentagem de surdez muito alta fazendo com que os exercícios e avanços através do oralismo ficassem cada vez mais difíceis. A metodologia de ensino aplicada no instituto era de que ela só passaria para o próximo ano quando ela tivesse êxito em falar algumas palavras, e pela sua dificuldade, ela demorou a concluir o ensino fundamental. Diferente de mim, que concluí o ensino fundamental aos 13 anos, Glauciane concluiu aos 17. Uma grande ajuda para que a Glau concluísse o ensino fundamental foi quando o IFS adotou a metodologia bilíngue, sendo a Língua Brasileira de Sinais como primeira língua e a língua portuguesa como segunda.

Figura 6: Confraternização dos alunos concluintes do ensino fundamental



Fonte: Acervo pessoal

As dificuldades que tive ao entender o que era a deficiência da minha irmã me fizeram perceber que isso pode acontecer com outras famílias, pois o nascimento de um bebê com deficiência pode tanto unir seus pais quanto separá-los, isso quando o pai se faz presente, o que não foi o caso do pai da Glauciane. A convivência com um familiar deficiente é uma experiência conflitante que pode trazer sentimentos bons e ruins, e que segundo Silva (1996), deveria ter acompanhamento com psicólogo, não só para informar os familiares, mas para orientar e compreender a relação deles com o indivíduo deficiente. O atendimento deve ser ininterrupto, para que se possa trabalhar os casos em cada etapa da vida.

Os pais precisam encontrar alguma razão para o que acaba de acontecer, tentando dar algum sentido. Isso faz com que algumas famílias possam se

desestruturar, pois ao ir em busca dessas razões, acabam competindo pelo amor ou atenção do filho, podem negligenciar ou culpar um ao outro pela deficiência do filho, ou até mesmo culpar a criança pela tensão vivida na família. Tive algumas oportunidades de conversar com a minha mãe sobre o assunto e essa ausência de uma pessoa masculina na família tornou a situação mais fácil de lidar.

2.1. Dificuldades observadas no processo de inclusão

A partir do momento em que entendi o que era a deficiência, iniciou-se uma outra preocupação: como as pessoas iriam ver a Glau? O que a sociedade entendia como inclusão? Será que ela se sentia incluída? Sempre questionei se ela sabia o conceito de inclusão, pois como ela iria opinar sobre a inclusão se mal sabe o significado? Conforme mencionado na seção anterior, eu e a Glauciane temos 13 anos de diferença, e com essa diferença, nasci quando ela já estava na pré-adolescência.

Figura 7: Passeio em família no Clube dos Advogados, Belém - PA



Fonte: Acervo pessoal

Nunca questionei ela sobre como foi a infância dela, mas sei que minha mãe foi e é, até os dias atuais, muito protetora e cautelosa, e com isso, suponho que a Glau não fez muitas amizades que fossem fora da escola. Até mesmo com as amigas da escola a minha mãe sentia certas desconfianças, por situações que já aconteceram durante o início da vida na capital paraense. Hoje entendo que essas desconfianças e essa proteção da minha mãe foram causadas pelo medo do preconceito e de que isso pudesse gerar traumas na minha irmã.

Em sua monografia, Deusina Cruz apresenta as preocupações, informações, superações e buscas de apoios que as mães com filhos com deficiências passam no cotidiano (CRUZ, 2011). A vida acaba sendo completa de sentimentos de amor, impotência e esperança, que diretamente fica associada a uma carga de tarefas diárias.

Um dos primeiros contatos que tive com a dificuldade de inclusão foi, por surpresa, no meu ambiente escolar. Lembro vagamente de um aluno com síndrome de down⁵ que frequentou alguns anos iniciais do ensino fundamental. Mesmo que a escola onde estudei fosse particular, o ambiente ainda não estava preparado para receber esse aluno. Ainda não havia gerado discussões sobre a inclusão e a deficiência e nem sobre o preconceito. Eu sabia que existiam pessoas com deficiência por através da minha irmã, mas sempre achei que fosse fácil pra ela na escola por aparentar ser “perfeita”. A grande questão era: por que as escolas ou os professores sempre esperam a chegada de um aluno com deficiência para poder debater com os alunos sobre?

Para Mantoan (2003, p.42) “O argumento mais frequente dos professores, quando resistem à inclusão, é não estarem ou não terem sido preparados para esse trabalho.” A autora expôs no início do século XXI a dificuldade que os professores de ensino regular encontravam quando o assunto era inclusão. A falta de formação dos professores ainda persiste no contexto escolar atual, mesmo que hoje em dia os estudos e compreensões sobre deficiência tenham avançado. A inclusão ainda traz inquietações, desafios, inseguranças para os professores que se vêm despreparados para atuar com alunos incluídos.

Esses desafios ainda se concentram na falta de experiência, onde os professores nunca trabalharam com alunos com deficiência, fazendo com que o professor reúna esforços e compreenda as necessidades de todos os alunos da turma para realizar qualquer planejamento que se adeque e que promova o desenvolvimento das habilidades. Uma outra dificuldade muito discutida é sobre a falta de apoio. Algumas vezes os professores precisam de apoio em sala de aula, de um professor assistente ou um acompanhante facilitador, pois as salas de aula podem ter muitos

⁵ Trata-se de uma alteração cromossômica numérica em que o indivíduo apresenta um cromossomo 21 a mais. Além das características físicas, as pessoas com síndrome de Down estão mais propensas ao desenvolvimento de alguns problemas de saúde.

alunos e com a ajuda de um outro professor auxiliar, o educador consegue dar atenção especial e eficaz aos alunos com deficiência quando precisarem.

A construção desse tópico não é somente sobre a inclusão escolar. Eu sempre fui incentivado a amadurecer de maneira rápida por ser considerado o “homem da casa”. Minha mãe sempre trabalhou certas responsabilidades em mim por saber que eu teria mais facilidade em acompanhar a Glauciane em situações do dia a dia.

Magno (2021, n.p.) comenta que as dificuldades do surdo não são somente no mercado de trabalho, pois há o forte preconceito da sociedade com o surdo, que os consideram como burros, e tendo em vista de que os surdos usam a Libras como primeira língua impacta ainda mais a comunicação com o ouvinte e acaba resultando na tese de que o surdo é incapaz intelectualmente.

Ao longo dos anos, a Glauciane sempre relatou desconforto quando fazíamos um programa em família. Mesmo com as dificuldades financeiras que nossa família passou, mamãe sempre nos deu oportunidade de passear. Aos domingos íamos à Praça da República, ou procurávamos passeios em que fossem mais econômicos. Uma vizinha organizava passeios a algumas praias e sempre íamos, para que pudéssemos conhecer lugares novos e aproveitar os banhos de mar e rio.

Figura 8: Passeio a praia do Atalaia, em Salinópolis - PA



Fonte: Acervo pessoal

Nesse contexto, a maior reclamação da Glau era em relação à companhia para conversar e socializar, o que fazia com que ela não gostasse de ir aos passeios. O surdo era tratado como alguém que não era inteligente, como alguém que não era capaz de compreender o que estava acontecendo ao seu redor, e por isso, não achavam necessário socializar com a minha irmã. Outro fator determinante era de que

os ouvintes não sabiam a Língua Brasileira de Sinais, e não falavam de maneira lenta para que a Glauciane pudesse fazer a leitura labial e compreender o que estavam querendo falar. Sempre ouvia muito “fala pra ela que ela tá bonita” ou “como é que diz ‘vamos brincar’?”. Isso fez com que eu entendesse que eu sempre seria o intérprete da Glau.

No momento em que percebi isso, entendi que poderia ser um ponto de conexão e intimidade de irmãos, porém com o passar dos anos, vi que não poderia ser somente isso, e sim uma necessidade por falta de inclusão na sociedade. Vários surdos acabam isolando-se em suas casas por sentirem vergonha, ou ficam mais tempo na escola por terem com quem conversar, e esse foi o caso da Glau, como vemos:

Os amigos do surdo não o aceitam, porque ele é diferente. A sociedade não o aceita, porque ele é incompleto. Os familiares não o aceitam, porque ele é defeituoso. A escola não o aceita porque ele é deficiente. O surdo não se aceita, porque os outros não o aceitam. (BERNARDINO, 2001, p. 40).

Essa complexidade de não aceitação apontada pelo autor gera muitos lastros. Rememoro que quando a minha irmã conseguiu seu primeiro emprego, eu tinha 10 anos. Glau foi embaladora em um supermercado durante 5 anos e, nesse período, ela sempre comentou sobre a dificuldade enfrentada no processo de comunicação com outros funcionários e clientes.

A dificuldade só não foi maior porque a empresa já havia contratado vários funcionários surdos, funcionários esses que eram amigos de escola da Glauciane, e a própria empresa ficou conhecida por contratar funcionários com deficiência, o que fazia com que os clientes não ficassem surpresos e alguns até tentavam alguma comunicação. Durante esses 5 anos, diversos momentos de entrave foram encontrados, como a comunicação dos supervisores com os funcionários, os problemas com os direitos trabalhistas que a empresa não mostrava interesse em explicar, e duas situações específicas que serão relatados em um outro tópico.

As dificuldades acerca da inclusão não foram vividas apenas por mim e minha mãe, mas pelas mães das colegas que a Glauciane tinha. Como a minha família materna é de outro estado, não tivemos muito contato com parentes próximos, e essas mães acabaram tornando as “tias” que a Glau gostaria de ter presente na sua infância. Uma delas é a Célia, mãe da Gisele, sua grande amiga desde o ensino fundamental no IFS. As duas sempre conviveram juntas, infelizmente por não conseguir criar

muitos laços com outras crianças, maioritariamente ouvintes, e felizmente por confiarem uma na outra, assim como as nossas mães.

Figura 9: Glauciane com Gisele e outras colegas em passeios⁶



Fonte: Acervo pessoal

Como dito anteriormente, minha mãe sempre foi muito protetora conosco, e acredito que com a Glau mais ainda por receio da sociedade não a respeitar da forma que deveria. Com a família da Gisele minha mãe conseguiu confiar a ponto da minha irmã quase sempre ir dormir com a colega, viajar para o interior, saírem juntas e aproveitarem como boas crianças que são amigas. Lembro de alguns momentos onde eu, sendo mais jovem que as duas, fui intérprete delas sobre alguns assuntos que as mães queriam falar.

Compreender essas dificuldades é muito mais profundo do que se imagina. Durante todos esses anos, observei que a inclusão é pensada mais naquilo que é constituído por lei, sem ter empatia pela pessoa com deficiência. Uma empresa respeita a Lei nº 8.213/91⁷ que contrata pessoas com deficiência, mas não observa as barreiras existentes e busca vias para melhorar o processo de inclusão dos funcionários. Faz-se o que está na lei, mas não se pensa em como de fato ajudar a pessoa com deficiência. Observa-se então que falta empatia, que falta consciência

⁶ Autorização de imagem concedida pela mãe da Gisele

⁷ “[...] grande responsável por garantir a contratação e inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho.”

em colocar-se no lugar da pessoa com deficiência e questionar se está bem, se essa inclusão está sendo confortável, algo que foi sempre questionado pela minha irmã.

3. O ingresso no Ensino Superior

Desde sempre, minha mãe desejou que eu seguisse um caminho diferente para que nossa situação mudasse. Conforme citado anteriormente, minha mãe concluiu o ensino médio e junto obteve a formação do magistério para atuar como professora nos anos iniciais do ensino fundamental. Ela comenta que havia passado em um concurso público para atuar como professora em Macapá, mas teve que abandonar a vaga para vir à Belém com a Glauciane na esperança de um futuro educacional melhor.

Com essa mudança, em janeiro de 1990, a situação começou a ficar difícil, pois não tínhamos familiares na capital paraense e com isso, minha mãe não podia contar com muitas pessoas. Minha mãe trabalhou em alguns escritórios no comércio de Belém, enquanto minha irmã estudava durante o dia no IFS.

Alguns anos depois, eu nasci e a situação ficou ainda mais difícil, pois meu pai ajudava somente financeiramente, e assim minha mãe não tinha como contratar uma babá confiável tal como não tinha ajuda de familiares para poder me reparar, mamãe acabou deixando o emprego formal, e em abril de 2005, iniciou o trabalho de catadora de material reciclável, trabalho esse que nos sustenta até os dias atuais. Essas dificuldades foram contadas a mim desde pequeno, na intenção de observar os obstáculos que enfrentamos todos os dias para ter o mínimo de conforto possível e manter o foco para aproveitar as oportunidades de ensino que tive e chegar até a Universidade.

Eu nunca tive certeza de qual carreira queria seguir quando fosse adulto, mas sempre tive em mente de que gostaria de cursar o Ensino Superior, para dar o orgulho que minha mãe merecia, por tantos anos de luta. Pelas poucas lembranças que tenho de quando era criança, já quis ser médico pediatra, em um outro momento pensei em ser ator, por sempre participar das peças teatrais do colégio, e quando menos esperei, tracei a meta de que seria um fotógrafo, assim como meu pai foi. Ser professor nunca esteve nos meus sonhos infantis, parte disso por ver que a profissão não é valorizada da forma como deve ser, assim como associar a profissão com algo que estamos apaixonados momentaneamente.

Com o passar dos anos, os gostos foram mudando, as ideias amadurecendo e os novos sonhos tornando-se prioridade, e mais do que isso, fui compreendendo que o destino pode ter um papel fundamental nas nossas escolhas. Tive a oportunidade

de fazer um curso de inglês em uma escola de idiomas, graças aos esforços incansáveis que minha mãe fez para que eu pudesse cursar e concluir o curso.

No início, minha mãe me levava e buscava no curso, logo depois, a Glau assumiu a responsabilidade até quando eu ficasse maior e pudesse ir sozinho. Usei livros doados, minha mãe fez cópia dos livros para que eu estudasse, já que os valores do material didático estavam fora do nosso orçamento. Muitas vezes eu recebia o dinheiro da passagem de ida e volta, mas também já recebi o dinheiro da passagem somente de ida e voltava andando, assim como já fui diversas vezes de bicicleta. Todo esforço foi válido pois achava fenomenal aprender uma nova língua, aprender as formas de oralizar e escrever e observar que com todo esse conhecimento que estava adquirindo, um mundo de possibilidades estava sendo criado. Nesse momento tive o primeiro sonho com a docência: queria ser professor de inglês.

Mesmo que eu acreditasse que fosse fácil virar professor de inglês, que eu iniciaria a carreira logo após concluir o curso, eu fiquei fascinado por finalmente entender como é lindo ensinar uma outra pessoa com um conhecimento que você tem, que educar alguém é tão desafiador, quanto simples.

Segundo Gikovate (2001, p.21), “as crianças não nascem boas ou más, elas nascem vazias de informações e com algumas predisposições biológicas que podem tornar o processo educacional fácil ou difícil”. Ou seja, transmitir o conhecimento observando as dificuldades de aprendizagem e tentando resolver para que haja êxito no ensino e aprendizagem, torna o trabalho mais prazeroso. Nesse mesmo momento, percebi o quanto minha mãe também gostava de lecionar, mas que por consequência do destino, deixou a oportunidade na capital do Amapá. Foi então que a docência virou, ainda que mínima, uma possibilidade acadêmica.

Como citado antes, com o apoio financeiro do meu pai e a batalha diária da minha mãe em ofertar o mínimo de qualidade de vida para nós, tive boas oportunidades e privilégios no meu ensino fundamental. Participei das danças na escola, de excursões extraclasse, feiras, e atuações em peças escolares. Fiz o ensino fundamental no Colégio São Paulo⁸, uma escola particular e religiosa, que ofereceu os recursos suficientes para que eu tivesse um bom rendimento. Não lembro ao certo, mas sempre ouvi minha mãe comentar o quanto eu deveria valorizar o

⁸ O Colégio São Paulo é uma escola privada em Belém/PA, no bairro Marco. Oferece creche, educação especial, ensino fundamental, ensino fundamental - anos finais 6º ao 9º, ensino fundamental - anos iniciais 1º ao 5º e pré-escola.

colégio onde estava, pois mesmo que houvessem sacrifícios, eu estava na melhor escola do bairro. Nossa família sempre foi composta por nós três: eu, minha mãe, e minha irmã, e elas duas sempre participavam dos momentos culturais da escola: festa junina, dia das mães, gincanas, e as formaturas que tive de conclusão do ensino fundamental I e II. Isso mostrou-me o quanto as duas são importantes para mim, que qualquer conquista que tivéssemos não seria única, e sim, de nós três.

O último ano do ensino fundamental II foram os mais memoráveis para mim nos estudos, pois no ano seguinte partiria para uma outra escola, devido o colégio ter somente ensino fundamental. Isso fez com que eu tivesse que tomar decisões, tivesse que trabalhar responsabilidades e consequentemente, focar mais ainda nos estudos pois ficaria mais próximo do ano do vestibular, não haveria mais tempo para brincadeiras e distrações.

Figura 10: Formatura no Colégio São Paulo



Fonte: Acervo pessoal

Como sempre mantive notas boas, destaquei-me entre os dez melhores da turma e tive a oportunidade de fazer uma prova para receber uma bolsa parcial no Colégio Santa Rosa⁹, onde iniciaria o ensino médio. Lembro que mudar de escola foi algo prazeroso pra mim, pois eu estava saindo de um colégio localizado no mesmo

⁹ O projeto educativo do Colégio Santa Rosa foi norteador pelo "Dever Ser" do Instituto das Filhas de Sant'Ana e nutre-se do Carisma da Beata Rosa Gattorno, fundadora do Instituto. A formação humana -Cristã, centro do projeto Educativo do Colégio Santa Rosa, favorece ao aluno a vivência de valores e a construção do conhecimento das diversas ciências.

bairro onde eu morava, e estava indo para outro maior em todos os aspectos, algo que nunca havia vivido antes. Nos primeiros dias de aula, percebi o quanto os professores eram queridos e o quanto a metodologia utilizada, os desafios de lidar com os alunos e o respeito e amor que tinham pela docência eram importantes e necessários. Esse foi um outro momento em que a vontade de lecionar despertou em mim um chamado importante: antes, queria ser professor somente de inglês, e a partir desse momento, queria ser professor de outras disciplinas.

A metodologia do Colégio Santa Rosa era focada em ingressar os alunos no ensino superior. Assim, trabalhava-se desde o primeiro ano do ensino médio os desafios que os exames para ingresso no ensino superior tinham, para que no ano de vestibular, estivéssemos o mais preparados possível. Percebi que o ensino e os métodos do colégio antigos eram muito básicos e fracos comparados ao novo colégio, e reflexo disso foi que as minhas primeiras notas bimestrais foram baixas demais e, com isso, notar que talvez a docência não fosse mais o caminho que gostaria de seguir. Afinal, como eu aprenderia tudo o suficiente para lecionar alguém, se nem o básico eu conseguiria aprender?

Duarte (2001) comenta que quanto mais profundo o conhecimento científico do professor, maior é a capacidade de criar situações e soluções pedagógicas para que os alunos consigam solucionar e compreender o tema abordado. A autora comenta sobre a necessidade de um bom conhecimento científico do que foi aprendido na academia para que esse conhecimento fosse repassado de maneira dinâmica, fugindo do metódico.

Com esse bloqueio e receios, comecei a pensar em seguir outras carreiras, comecei a pesquisar sobre áreas que me fizessem sentir prazer em trabalhar. Ao mesmo tempo que essas situações aconteciam comigo, minha irmã começava a sentir dificuldades em conversar conosco, em contar o que estava acontecendo, se estava tudo bem ou se estava acontecendo algo que nós não estávamos percebendo. Foi aí que pensei em ser psicólogo bilíngue. Nunca havia conhecido um psicólogo que soubesse Libras, e vi o quanto poderia ser necessário no futuro. Apesar de ter mudado a minha escolha de profissão, ainda não conseguia tirar boas notas para que tivesse um bom rendimento escolar, e após algumas conversas e orientações, foi decidido que eu mudaria para uma escola pública.

Com ajuda de um colega professor da rede estadual de ensino, tivemos acesso a lista das melhores escolas de ensino médio da capital, assim como tive a

oportunidade de conversar e entender como o sistema público funcionava e escolher qual escola poderia estudar. Pensando na conversa, na logística de transporte e qualidade de ensino, comecei a estudar na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Ulysses Guimarães - E.E.E.F.M Dr. Ulysses Guimarães¹⁰.

Lembro do primeiro dia de aula, foi um choque de realidade. Começou pelo horário do intervalo, onde eu achava que estávamos dispensados, mas que na verdade eu deveria levar minha mochila junto para não correr o risco de ser furtado e terminou nos diversos horários vagos que tínhamos por falta de professor. Apesar da mudança brusca de realidade que eu estava vivendo, voltei a minha atenção novamente às didáticas que os professores aplicavam para que pudéssemos aprender, resultando em um desejo maior de entrar na Universidade.

3.1. O maior sonho tornando-se real: a admissão na Universidade Federal do Pará

Após alguns meses de aula na escola pública, percebi que o grande responsável pela aprovação na universidade que eu almejava não era o colégio, e sim eu mesmo. A qualidade de ensino e rendimento que antes eu tinha na escola particular não era a mesma no ensino público, mesmo que eu estivesse matriculado em uma das escolas com excelentes notas do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB. Os professores abordavam metodologias sensacionais para o melhor rendimento do aluno, a estrutura da escola era nova, pois havia passado por uma recente reforma, mas ainda assim não era suficiente para ajudar os alunos a entrarem nas universidades públicas sem auxílio de um cursinho pré-vestibular ou meios particulares de aprendizado.

Logo de início fiz amizade com duas colegas que me ajudaram muito a entender como funcionava o sistema de uma escola pública, e durante um certo momento, havíamos definido que nós três estudaríamos para o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM juntos... um auxiliando o outro. Eu ainda tinha alguns cadernos e livros do antigo colégio e serviu para que aprendêssemos alguns assuntos que não foram trabalhados ou que foram trabalhados superficialmente. Isso ajudou para que

¹⁰ A EEEFM Dr Ulysses Guimarães oferece toda a estrutura necessária para o conforto e desenvolvimento educacional dos seus alunos, como por exemplo: Refeitório, Biblioteca, Quadra Esportiva Coberta, Laboratório de Ciência, Laboratório de Informática, Pátio Coberto, Pátio Descoberto, Área Verde, Sala do Professor e Alimentação.

podéssemos fazer as provas do antigo Programa de Ingresso Seriado - PRISE da UEPA e fazer o ENEM na condição de treineiros.

Durante o ensino médio, não havia nenhum aluno com deficiência na minha escola, o que leva a observar as possíveis dificuldades que os pais devem ter em matricular um aluno com NEE em uma escola. Lembro que na época do ensino médio da minha irmã, havia poucas escolas que tinham professores que soubessem Libras. A Glau estudou na E.E.E.F.M. Tiradentes I e II, pois tinha o auxílio dos professores do IFS aos alunos surdos durante o contraturno. Dessa forma, vários alunos que saíam do Filippo Smaldone eram encaminhados para escolas onde professores auxiliavam, preservando assim a relação com os colegas e com os próprios docentes, no qual eles já conheciam.

Como dito antes, a escola em que estudei havia passado por uma recente reforma, e com isso tinha toda a estrutura para receber alunos que fossem cadeirantes ou que tivessem dificuldades de locomoção. Mas e quanto aos alunos surdos? e aos alunos cegos? Mais uma vez voltava o pensamento de que o aluno só é incluído por estar na lei, e não por ter sido compreendido sobre suas reais necessidades para que de fato possa estar incluído.

No último ano do ensino médio, ano considerado como pré-vestibular, tive a oportunidade de conhecer um excelente professor de química, que mostrava a beleza da disciplina e sempre ensinava técnicas de resolução e compreensão dos diferentes compostos e elementos que eram considerados difíceis de aprender. Após alguns encontros, ele comentou que era sócio de um colégio que oferecia cursinho pré-vestibular e perguntou quem gostaria de ser aluno, e eu de imediato candidatei-me. O professor me ofereceu uma bolsa com super desconto e assim, passei a estudar na escola e também no cursinho, na tentativa de aprender o máximo possível e tirar boa nota no ENEM.

No cursinho, pude observar que havia alguns alunos com deficiência que também estavam disputando as vagas das universidades públicas e lembro que logo me veio à cabeça sobre as dificuldades que eles poderiam estar passando para conseguir estudar e se dedicar ao vestibular.

Tendo em vista que o caminho não é fácil, Moreira et al (2011, p.129) comentam:

Do mesmo modo que a proposta da inclusão na educação básica precisa ter uma organização pedagógica planejada, devidamente financiada para assegurar os apoios e recursos físicos, humanos e materiais aos alunos com necessidades educacionais especiais, o ensino superior necessita das mesmas condições.

É notório que as dificuldades no processo de ensino não são apenas na educação básica. O ensino superior também é afetado. Pensamentos como esse fizeram-me atentar ainda mais para as questões que envolvem a inclusão de pessoas com deficiência na sociedade, fazendo com que me dedicasse cada vez mais aos estudos e desejos de ingressar na universidade, independente do curso que escolheria. Entendi que apesar do curso escolhido, meu trabalho seria voltado às pessoas com deficiência, pois observei de perto as dificuldades que a minha irmã passou.

Na primeira tentativa do vestibular, com a psicologia como primeira opção, não tirei a nota suficiente para entrar na universidade, e isso me deixou triste e me trouxe receios em não conseguir a vaga. Minha mãe conversou comigo e disse que eu ainda era novo (na época com 17 anos de idade) e que poderia tentar de novo, que talvez esse não seria ainda o meu grande momento. Com algumas inseguranças, no ano seguinte tentei novamente e dessa vez tive ajuda de dois amigos que moram próximo de casa e que também iriam prestar vestibular.

Decidimos estudar juntos para que, além de ouvir os outros pontos de vista de um mesmo assunto estudado, cada um pudesse ajudar o outro com suas dificuldades, tendo em vista que eu tive oportunidade de continuar no cursinho pré-vestibular, um dos colegas estava no fim do ensino médio e em curso específico da área de exatas, e a outra colega estudava somente em casa, por condições financeiras.

Esse grupo de estudo trouxe de volta o prazer de ensinar alguém que havia sentido lá atrás, quando dei aula algumas particulares de inglês. Somado a isso, no ano seguinte, após a orientação de um colega que já estava dentro da universidade e que conhecia os meios para verificar as notas de corte¹¹ dos cursos e o receio que eu tinha em não passar novamente, pesquisei, conversei com meus pais e colegas, e decidi que mudaria de curso, sairia da Psicologia e iria para a Pedagogia.

O motivo inicial é de que as notas eram mais baixas e era um curso menos concorrido e a outra razão era de que, caso eu não me interessasse com o curso,

¹¹ Nada mais é do que a menor nota necessária para se conseguir a aprovação em um processo seletivo.

tentaria para psicologia através do vestibular interno e não perderia o que havia estudado, observando que os dois cursos possuem uma grade curricular parecida.

Após essas análises das notas de cortes, pesquisei um pouco sobre o curso, mercado de trabalho, áreas de atuação e campos de estudos. Nessa pesquisa observei que o curso de Pedagogia não era voltado somente para o ambiente escolar, mas também para a área empresarial, hospitalar, penitenciária e outros.

Somado a isso, pequenos estudos mostravam que a área da educação inclusiva ainda estava muito ausente de profissionais, que muitos graduandos optaram por outras especializações, fazendo com que a atenção para os alunos com deficiência ficassem cada vez mais escassa. Nesse momento algo em mim já dizia que eu estava no caminho certo, que eu não iria me arrepender da escolha do curso. Mais uma vez o destino mostra que o tempo é a melhor resposta para grandes dilemas.

Após a pesquisa e as inscrições para a UFPA e UEPA, conversei com a Glauciane e perguntei se ela tinha interesse em fazer uma faculdade, ou se ao menos ela sabia o que era uma faculdade. Lembro de ela responder que os professores falaram algumas vezes sobre o que é o ensino superior, mas que poucos alunos surdos conseguiam uma vaga, e uma quantidade menor ainda conseguiam nas universidades públicas e em outros cursos.

Observava que alguns amigos da minha irmã, a maioria dos que conseguiram entrar na faculdade optaram pela Pedagogia, Letras Libras e recentemente a Pedagogia Bilíngue. Minha irmã disse que é o mais comum porque a presença de intérpretes de Libras é mais comum do que em outras graduações. Com isso entendi que infelizmente, quanto mais o indivíduo possui condições financeiras boas para pagar um bom cursinho pré-vestibular, pagar um bom intérprete para auxiliar, mais fácil são as chances de entrar no ensino superior.

Todos esses motivos me fizeram perceber que estar na pedagogia e principalmente na educação inclusiva seria mais que um desejo, seria uma missão. A prova final de que eu estava no caminho certo foi quando eu abri o caderno de provas do ENEM e vi que o tema da redação era sobre a educação de surdos. Acredito que eu nunca tive tanta certeza de que eu estaria na universidade, no curso certo, no tempo certo, quanto eu tive depois que saí da prova.

Não havia um colega que conhecesse minha história, minha luta para ingressar no ensino superior que não se lembrou de mim nesse momento. Vários colegas

mandaram mensagem, no mesmo dia da prova fui até a casa dos meus amigos no qual estudei junto e debatemos sobre o tema, e daí tínhamos mais que certeza que no ano seguinte estaríamos na universidade.

Poucos meses depois, o resultado: fui aprovado na Universidade Federal do Pará, em 6º lugar, e na Universidade do Estado do Pará, em 2º lugar. Meus amigos também foram aprovados nos cursos e em várias universidades públicas, como tanto desejavam. Optei pela UFPA, ainda com receio de talvez não gostar do curso, e caso acontecesse, trocar para o curso de psicologia que não era ofertado na Universidade Estadual.

Figura 11: Comemoração da aprovação no vestibular com Lucas e Lorena¹²



Fonte: Acervo pessoal

Iniciaria o curso no segundo semestre de 2018, e tive alguns meses para descansar após o longo período de estudo, e aproveitei também para conhecer o currículo que seria estudado durante a graduação, em quais semestres seriam as disciplinas de educação inclusiva, Libras e didática, disciplinas essas que me chamavam atenção. Procurei também identificar onde a pedagogia poderia ser trabalhada, e em quais dela eu teria interesse de especializar e de imediato escolhi a psicopedagogia, por gostar de observar e relatar problemas de aprendizagem. Queria

¹² Autorização de imagem concedida pela mãe do Lucas e Lorena

ser o profissional que auxiliava a criança desde o início, para que não sofresse dificuldades ao longo da vida.

3.2. As disciplinas de Libras e Educação Inclusiva como estímulo na mudança de ponto de vista

As disciplinas de Libras e Educação Inclusiva foram ministradas no terceiro semestre, dezoito meses depois do início da graduação e lembro de ficar ansioso demais por estudar essas disciplinas. Acredito que tais disciplinas, na sociedade atual, são essenciais na graduação e deveriam ser ministradas no início do curso, para que os alunos tivessem alguma experiência, mesmo que teórica.

Dazzani (2010) expõe o desafio que a inclusão enfrenta no que diz respeito ao desenvolvimento de uma pedagogia centrada na capacidade de educar todas as crianças, incluindo as que possuem necessidades educacionais especiais e isso comprova a urgência de conhecimentos teóricos sobre os assuntos assim que inicia a graduação. A maioria das vagas de estágio em que participei do processo de seleção ou que de fato estagiei tinham como requisitos alguma experiência com educação inclusiva ou acompanhamento de alunos com autismo. A única “experiência” que eu conhecia era com a surdez, e de início percebi que de todos os requisitos, esse era considerado como menor prioridade.

Estudar Libras na graduação me fez observar diversos pontos. Inicialmente percebi que a disciplina não era somente estudar os sinais e as expressões faciais, abordagens essas que eu acreditava já saber o suficiente por ter o convívio. Além disso, compreendi que o período de seis meses é muito curto para aprender o mínimo necessário para uma simples comunicação com um surdo. Descobri também na disciplina que Libras é obrigatório somente no currículos dos cursos de licenciatura, de fonoaudiologia e de Educação Especial e optativa nos demais cursos de educação superior, conforme o Art.3 do Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Isso mostra o motivo da comunicação, da independência do surdo na sociedade ainda estar tão atrasado.

No primeiro dia de aula com a professora Andréa¹³, ela nos acolheu e perguntou nossos nomes, profissões e se tinha algum contato com a Libras antes daquele

¹³ Atualmente é Professora Adjunta da UFPA e Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Surdos - GEPEUR da UFPA.

momento. Lembro que dois ou três colegas de classe levantaram a mão dizendo que tinham contato com um colega de trabalho, ou colega da mesma igreja e que logo comentaram as dificuldades enfrentadas na comunicação.

Eu era o único aluno que tinha contato mais próximo com um surdo, e esse sendo um familiar. Naquele momento pensei brevemente em dedicar meus estudos para a área da educação e prioritariamente para a educação de surdos, mas ainda não havia concretizado nada. Conforme as aulas iam acontecendo, eu ficava cada vez mais interessado em estudar sobre todos os aspectos que envolvem a educação do surdo e a dependência do surdo na sociedade até que eu tive uma ideia e com isso surgiu a minha maior oportunidade dentro da UFPA: levar a Glauciane para a sala de aula.

Conversei brevemente com a professora e comentei a ideia que de início foi aceito e com isso conversei com a minha irmã, expliquei que estava na disciplina de libras e argumentei que seria uma oportunidade para que ela conhecesse a Universidade, além de ajudar os meus colegas de classe à compreender mais sobre algumas dúvidas que ainda poderiam ter. Foi um momento inesquecível para mim, ver minha irmã, que um dia quis cursar uma graduação, conhecer a UFPA e voltar a sonhar com essa conquista. Com isso, percebi o quanto o destino estava me levando ao mundo da educação inclusiva, e defini de fato que estudaria sobre.

Figura 12: Presença da Glauciane durante a disciplina de Libras na UFPA



Fonte: Acervo pessoal

Com a disciplina de Educação Inclusiva, não foi diferente. Estudar essa disciplina me despertou curiosidades que jamais havia pensado, como os métodos de ensino atuais que não existiam antes, a importância de um diagnóstico precoce para

um bom desenvolvimento educacional da criança, o aumento do número de alunos diagnosticados com TEA e a falta de profissionais especializados na área.

No decorrer da disciplina, fui aprendendo que existem muito mais transtornos e deficiências que podem dificultar o processo de aprendizagem do aluno assim como a ausência de um corpo pedagógico eficiente que seja capaz de diagnosticar a criança no ambiente escolar. A professora Christianne¹⁴ abordou os principais assuntos com excelente didática e mostrou a importância de ser crítico no que se refere aos assuntos de educação inclusiva, bilinguismo e educação de surdos.

As duas professoras foram capazes de me fazer refletir sobre as circunstâncias que convivi com a minha irmã que antes eu considerava simples e que não haveriam soluções. Eu entendi que meu estudo deveria ser a educação inclusiva e bati o martelo nesse momento, após a conclusão dessas disciplinas, e partir para os estágios em escolas, principalmente os estágios voltados à educação de crianças com NEE.

3.3 As experiências no estágio não-obrigatório como o despertar para aprofundar os estudos sobre Educação Inclusiva.

Os estágios que fiz foram de extrema importância para mim, pois pude colocar em prática a teoria da sala de aula, além da experiência que tive com a minha irmã. Apesar de acreditar que sabia o suficiente para estagiar de uma maneira boa, a realidade da escola pública me ensinou muito mais do que eu aprenderia na própria sala. A postura e consciência crítica requer essas vivências, reflexões das ações docentes no ambiente escolar, pois:

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, na prática e na reflexão sobre a prática. (FREIRE, 1991, p. 58)

Além dos estágios, como eu tomei a iniciativa em dar aulas particulares de inglês, decidi estender as aulas particulares para todas as disciplinas, e meu primeiro aluno foi o Pedro, um recém diagnosticado com o Distúrbio do Processamento

¹⁴ Professora Efetiva Classe D- Associado Nível I da Faculdade de Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará (FAED/ ICED/ UFPA). Doutora em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) 2019. Mestra em Psicologia (Teoria e Pesquisa do Comportamento) pela UFPA (2003). Principais linhas de pesquisa: Educação de Surdos, Bilinguismo, Aquisição da Linguagem Escrita por Surdos e Constituição do Sujeito Surdo.

Auditivo Central - DPAC¹⁵, e que tinha também alguns problemas de confiança e atenção.

Sua mãe Brenda¹⁶, comentou sobre as dificuldades que estava passando em conseguir conter o filho, em ensiná-lo com os assuntos da escola e o receio que tinha de o filho reprovar no final do ano letivo. Lembro que meu primeiro contato com ele foi bem importante, pois de fato era bem complicado ter a sua atenção e conseguir conter os seus picos de estresse por estar tendo aula particular.

Aos poucos fui trabalhando com ele algumas condições para que pudéssemos ter uma boa e rentável relação de aluno e professor e também de amigos. Isso foi estabelecido quando ele me contou pela primeira vez o que sentia em relação à escola e o que queria que melhorasse, tanto no ambiente escolar quanto no ambiente familiar. No mesmo dia repassei essas informações para a Brenda que logo depois procurou ajustar alguns comportamentos para que o Pedro tivesse mais confiança, como colocar o horário de aula no quadro e mostrar a ele o tempo restante da aula.

Ao longo das aulas, fui percebendo que o ambiente do quarto de estudos era muito pequeno para conter a atenção do Pedro e conseguir ensiná-lo, então decidi trabalhar de forma mais lúdica onde em alguns encontros estudávamos em outros cômodos da casa e até mesmo nas áreas comum do condomínio onde o Pedro residia, áreas essas que eram cheias de situações que poderiam auxiliar na compreensão de determinados assuntos didáticos. Com esses nossos encontros no quarto e fora dele, com as conversas e com a decisão de que no final de cada aula, caso ele fizesse todas as atividades corretamente e caso não houvesse problemas, poderíamos brincar juntos durante quinze ou vinte minutos, consegui cada vez mais criar uma relação de confiança com o Pedro para que ele não tivesse mais crises de estresse e conseguisse aprender cada vez mais, à ponto de tirar excelentes notas nas provas bimestrais.

Essa experiência me mostrou a importância de ter uma boa relação educador - aluno, relação essa que eu acreditava que seria apenas no ambiente escolar. “A aprendizagem ocorre por meio das interações sociais e estas são originadas por meio

¹⁵ O Distúrbio do Processamento Auditivo Central (DPAC) ou Disfunção Auditiva Central é um distúrbio que afeta as vias centrais da audição. Apesar de ser pouco conhecido, ele é mais comum do que parece. Pessoas que sofrem com DPAC são capazes de detectar o som, mas possuem dificuldade para interpretar as informações que estão sendo transmitidas por ele.

¹⁶ Mãe do Pedro que autorizou o uso do nome e informações reais do aluno.

dos vínculos que estabelecemos com os outros, pode-se dizer que toda aprendizagem está impregnada de afetividade” (GOLDANI, 2010, p.13).

Outra oportunidade necessária para a introdução nos estudos sobre educação inclusiva foi a minha experiência como bolsista do Programa Conexões de Saberes¹⁷ da UFPA, onde atuei no “Projeto Circuito de Leitura: lendo para ser feliz”, um projeto que tem como objetivo conduzir as crianças, público alvo deste projeto, o despertar o gosto e o prazer pela leitura. Os integrantes do projeto foram divididos em equipes e a minha equipe foi dirigida à Escola Estadual de Ensino Fundamental de Ensino Fundamental Prof.^a Consuelo Coelho e Souza, no bairro do 40 Horas.

Atuamos no ano de 2019, sempre às terças-feiras, com a turma do quarto ano. Durante esse ano, fiz algumas observações e comentários com colegas sobre um aluno que apresentava um comportamento introvertido e pouco socializado conosco durante nossos encontros na escola. Algo me dizia que havia algum problema que deveria ser acompanhado de perto pelo corpo pedagógico da escola assim como pela família.

No decorrer dos encontros, percebia que esse aluno sempre tinha vergonha em falar, em se comunicar, e que fazia isso através dos desenhos, e nunca entendia os motivos. Parecia que tinha um medo em falar por alguma razão ainda desconhecida, até que uma outra colega disse que ele era “especial”. Logos após esse comentário, fui até a coordenação conversar com a coordenadora e passar essas observações que eu tinha sobre o aluno, e a mesma comentou que outros professores já haviam relatado esse problema, mas que a família nunca comentou nada ou trouxe qualquer documento que pudesse comprovar se havia alguma especificidade, percebi mais uma vez a necessidade da relação família-escola no que diz respeito ao aluno com deficiência.

Lembro que minha mãe sempre foi muito ativa na escola da minha irmã. Mesmo com todas as dificuldades financeiras que vínhamos enfrentando, mamãe fez todo esforço necessário para que participássemos de todos os eventos do IFS, mesmo após a saída da Glau. Era importante para ela pois sempre quisemos mostrar o apoio e interesse nas atividades que ela tinha na escola e importante também para minha

¹⁷ O Programa Conexões de Saberes: diálogo entre a universidade e as comunidades populares foi criado por iniciativa do Ministério da Educação - MEC, por intermédio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECADI, em cumprimento às suas atribuições de responder pela formulação de políticas públicas de valorização da diversidade e promoção da equidade na educação, auxiliando a permanência de jovens das comunidades populares na universidade.

mãe pois qualquer evento era considerado uma vitória devido aos obstáculos ultrapassados para que minha irmã concluísse o ensino fundamental.

Relacionar a minha experiência na relação família-escola da minha irmã com o do aluno que estava com esse dilema foi muito importante para ajudar essa criança a vencer suas próprias barreiras e ter uma qualidade de ensino efetiva. Procurei, junto com a minha equipe, trabalhar de forma paralela com o aluno e a turma para que pudéssemos entender quais eram as reais dificuldades e como poderíamos mudar a situação até o final do ano, momento esse em que acontece uma culminância da turma e todos mostram atividades realizadas durante o ano letivo, para os outros alunos da escola, demais funcionários e os próprios pais e responsáveis.

No final, não conseguimos definir qual era a especificidade do aluno, mas conseguimos ajudar o pequeno a conversar mais, interagir com a turma e como bônus, conseguimos também fazer com que o aluno apresentasse suas atividades para os colegas de turma e os pais, que estavam presentes. Foi um momento de muita emoção e inesquecível para mim, pois me fez lembrar todos os momentos escolares da Glauciane em que eu e a minha mãe participamos. Esse dia tive mais certeza de que a Educação Inclusiva me chamava a atenção.

A experiência que considero essencial para aprofundar os estudos sobre educação inclusiva, foi meu estágio não-obrigatório na Secretaria Municipal de Educação - SEMEC, que durou 18 meses, no qual fui facilitador de uma aluna com TEA, a Maria¹⁸.

Meu primeiro encontro com a Maria foi frustrante, pois mesmo com toda a experiência que tinha e a teoria que aprendi na universidade, ainda não sabia de fato como me expressar com uma criança com autismo. Minha mãe tem uma prima na qual o filho é autista de grau severo, e em algumas oportunidades, pude acompanhar de perto as dificuldades enfrentadas no momento da comunicação. O maior receio que eu tinha era não saber me comunicar e não passar confiança suficiente à Maria, para que ela tivesse um bom rendimento escolar.

A mãe da aluna, logo no primeiro encontro, mencionou sobre a dificuldade que ela enfrentou em conseguir um facilitador para a filha, onde ela teve que pedir de forma judicial para a Secretaria de Educação. Esse comentário me assustou, e mostrou o

¹⁸ Nome fictício criado para manter sigilo das informações da aluna.

quanto o acesso à uma educação de qualidade para as crianças com deficiência ainda é bastante precária no sistema educacional brasileiro.

Ao mesmo tempo, tive o peso da responsabilidade de facilitar, educar e socializar com uma menina de 9 anos que ainda enfrentava problemas na fala e na escrita. Procurei sempre deixar à mãe ciente dos avanços que tínhamos no decorrer do ano letivo.

A professora da turma da Maria sempre foi muito dedicada e mostrou muito conhecimento sobre a inclusão na sala de aula, através de atividades e dinâmicas que aconteciam no ambiente escolar, e esse conhecimento foi suficiente para que eu pudesse ter mais facilidade com a Maria. Como nos encontrávamos todo dia, não demorou muito para que pudéssemos ter uma afinidade e para que ela pudesse entender que além de ser seu professor, eu também era seu colega e ela falasse sobre assuntos diversos.

Nossas primeiras atividades eram voltadas para a alfabetização, tendo em vista que a Maria já tinha nove anos e ainda não sabia ler e escrever, assim como ainda não conhecia todas as letras do alfabeto. Tendo a experiência com o Pedro de trabalhar com a ludicidade, procuramos formas de estudar as letras do alfabeto de maneira mais dinâmica e menos cansativa, para que a rentabilidade fosse a melhor possível.

Sendo assim, criamos um quadro em forma de tabela, com as vogais e espaços em branco abaixo de cada vogal, para que tanto a aluna quanto eu e a professora trouxéssemos materiais nos quais os nomes iniciam com as vogais. No primeiro momento, recortamos figuras para que a Maria pudesse relacionar onde ficaria cada uma na tabela, e dessa forma, consegui observar a noção de escuta, noção e interpretação dela, e assim conseguir delimitar em qual nível eu poderia trabalhar. Esses momentos de atividades lúdicas me fizeram refletir sobre como foi a relação professor-aluno da minha irmã, e sobre como esse momento de troca de confiança e relação é importante para um bom aprendizado.

É o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos, fundamentada numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e paradigmas da sociedade. (ABREU & MASETTO, 1990, p. 115).

Até o fim do meu estágio, tivemos alguns atrasos, tanto por conta da pandemia, quanto pelas ausências da Maria na escola e isso prejudicou o rendimento escolar da aluna, pois em algumas conversas com a mãe ela comentou que devido a pandemia de covid-19 e o isolamento em casa, não conseguia aplicar as atividades escolares que eram enviadas e pouco praticou exercícios com a Maria. Esse foi mais um momento importante para refletir sobre o papel dos pais e responsáveis na educação de crianças com NEE.

Comento brevemente sobre um episódio muito importante no estágio não-obrigatório que ficou marcado em mim. Na mesma escola onde estagiei havia uma aluna surda de nome Sara¹⁹ que havia chegado recentemente após uma grande luta para obter a matrícula e não perder o ano letivo.

Os atendimentos eram feitos no contraturno, e como a Sara estudava pela tarde, o atendimento na sala do AEE era realizado no turno matutino. Em um desses encontros descobri que a professora que a atendia era a professora Socorro Bonifácio, a mesma professora da Glauciane, anos atrás. Fiquei feliz demais por tê-la reencontrado e por comentar sobre a minha vontade de estudar e trabalhar com a educação inclusiva.

Em uma rápida conversa a professora abordou sobre como a educação de surdos ainda necessita de profissionais, mesmo com os avanços tecnológicos, o que me fez acreditar ainda mais que a minha decisão estava tomada. Em algumas oportunidades, pude acompanhar o encontro da professora com a aluna e observei como as atividades e a própria Libras interferem no processo educacional. Alguns dos profissionais que trabalham com surdos atualmente tem uma visão sobre a língua brasileira de sinais como uma forma de comunicação, ou seja, não atribui a ela o significado de língua e considera apenas uma alternativa para os surdos que não conseguiram desenvolver a língua oral.

Segundo Skliar (1997), o oralismo é considerado pelos estudiosos uma imposição social de uma maioria linguística sobre uma minoria linguística. Essa percepção que o autor aborda e a observação da metodologia da professora mostraram-me que além do estudo sobre a educação inclusiva, a forma como o professor deve ensinar o aluno também deve ser bastante aperfeiçoada.

¹⁹ Nome fictício.

Todas essas experiências me fizeram perceber o quanto sou interessado na educação inclusiva, o quanto a frustração que sentia quando via as dificuldades da minha irmã podem ser utilizadas para aprofundar cada vez mais os campos de conhecimento e saber em que ponto precisa ser ajustado para que as crianças de fato se sintam incluídas, não somente no ambiente escolar, mas na sociedade em geral. Situações de preconceito, ausência de mobilidade para cadeirantes, prioridade para crianças autistas e outros ainda estão presentes no contexto atual que vivemos.

Essa minha experiência como irmão de uma pessoa com deficiência auxilia na observação de pontos que poucos são vistos durante a formação, ajuda na mudança necessária para que futuros profissionais possam agir de maneira eficaz no processo educacional dos alunos, pois dessa forma consigo comparar o que aconteceu de ruim no passado para que não se repita no presente e o que ainda acontece até os dias atuais. Considero mais que essencial a minha formação e conhecimento sobre as vivências de uma pessoa com deficiência na sociedade brasileira.

4. Os avanços e limites na Educação de Surdos

Com as teorias estudadas e a experiência vivida, é notório que houve muitos avanços no que diz respeito à educação de surdos, quando comparado ao início dos anos 2000, observando a forma que a minha irmã foi educada e a forma como os alunos são educados hoje em dia. É possível observar também que nos últimos anos houve um movimento de mudança na concepção da surdez.

Antes, tratada como deficiência, passa a ser concebida como uma simples diferença que tem como característica principal a forma de acesso ao mundo, que é pela visão em vez de audição, comum aos ouvintes. Esse acesso ao mundo pela visão inclui o direito e acesso à língua de sinais que, por ser de modalidade visomotora, não oferece dificuldade para ser adquirida pelos surdos. No dia 26 de setembro é comemorado o Dia Nacional dos Surdos e o Dia Internacional da Língua de Sinais. Essa data celebra as importantes conquistas e avanços que a comunidade surda teve além de relembrar os desafios enfrentados para a inclusão dessas pessoas.

Se, por um lado, são muitos os desafios enfrentados pelos surdos no que diz respeito à inclusão na sociedade, por outro, existem conquistas e avanços considerados nesse caminho de resistência e luta. A oficialização da Libras em 2002 como um meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda representou um marco histórico dessas lutas e conquistas pelo reconhecimento de direito, além de quebrar o modelo de assistencialismo e dependência que prevalecia sobre os casos de surdez.

Um outro avanço que pode ser observado e comentado nessa seção é uma sociedade mais acessível e inclusiva e a quebra de barreiras em empresas, escolas e outros ambientes no dia a dia. Atualmente, é reconhecido muito mais as necessidades da comunidade surda em relação ao passado, assim como se há consciência da necessidade em lutar pela inclusão na sociedade. Acredita-se que essa realidade de inclusão está muito distante do real, quando na verdade, a inclusão inicia quando buscamos ser compreensivos com tudo e todos que são diferentes.

Houve algumas situações pelos quais minha irmã passou que retratam o capacitismo²⁰ que, mesmo com vários avanços ao longo dos anos, ainda assombra as pessoas com deficiência. Sempre procurei entender os motivos pelos quais as

²⁰ É a discriminação e o preconceito social contra pessoas com alguma deficiência.

peessoas magoam outras, talvez seja por falta de empatia, ou por falta de sensibilidade com aquele que tem uma deficiência e não é considerado típico pela sociedade na qual vivemos.

Pensamentos como esses mostram que a realidade do preconceito e da ausência de inclusão ainda estão longe de ser sanados. Uma das situações mais constrangedoras que a Glau passou foi referente ao seu primeiro salário de carteira assinada. Na época ela havia começado a trabalhar como embaladora em um supermercado que tinha a fama de contratar bastante surdos para trabalhar nessa função. Como tudo isso era muito novo e desconhecido para a Glauciane, pessoas que perceberam a sua inocência agiram de má fé e induziram a minha irmã ao erro que foi traumatizante. No dia do recebimento do primeiro salário, ela deveria ir ao escritório da empresa e assinar o contracheque para confirmar o recebimento, e o gerente do banco, ao perceber que a minha irmã era surda e tinha dificuldades de comunicação, orientou-a a assinar o documento e pagou apenas cinco reais do salário que ela deveria receber. Infelizmente, por ter assinado o recibo, nada pôde ser feito para que o erro pudesse ser corrigido, ficando apenas a versão que o gerente confiável do banco dizia e a versão da simples funcionária que mal sabia comunicar por ser deficiente afirmava.

Foi um momento de extrema reflexão para mim, por tentar entender como os caminhos levaram àquela situação trágica. Foi então que percebi que deveria sempre pesquisar, estudar e argumentar os nossos direitos enquanto cidadãos da sociedade que prejudica as minorias sociais e os direitos da minha irmã, uma moça com deficiência que pouco entendia o que estava escrito nos documentos legais, por falta de explicações e traduções na língua brasileira de sinais. Nesse momento entendi também o motivo da minha mãe sempre me incentivar nos estudos e nas percepções e experiências do cotidiano, pois ela sabia que em algum momento a minha irmã precisaria de mim para apoiá-la em algumas situações mais formais.

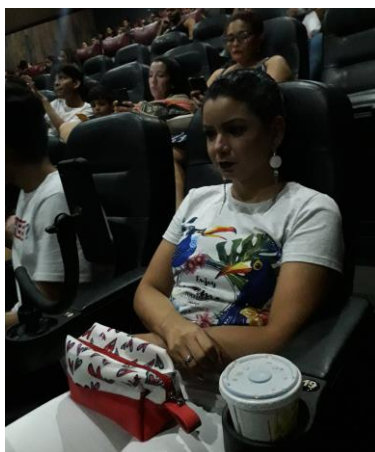
Ao longo dos anos, tivemos diversos problemas que poderiam ser resolvidos facilmente se outras pessoas soubessem a língua de sinais. Se a Língua Brasileira de Sinais foi reconhecida em 2002, por que ainda há tanta dificuldade em encontrar profissionais de ramos diversos que dominam a língua? Minha irmã encontra dificuldades em vários locais durante atividades do cotidiano devido à dificuldade de comunicação por parte dos ouvintes que não dominam a Libras.

Todos esses obstáculos do cotidiano da minha irmã mostram o quanto eu precisava estar ao lado dela para auxiliá-la na comunicação. Houve situações onde um simples cancelamento de plano móvel de uma operadora durou seis meses até ser completado, pois ficávamos alternando em ir à loja física e éramos orientados a ligar para a central de atendimento, que orientava a voltar na loja física. Além de causar grande desconforto, retrata a problemática do pouco ou inexistente acesso dos funcionários à Libras.

É cabível de reflexão o uso de quadros informativos que mencionam a loja física como acessível para pessoas com deficiência, incluindo Libras e o braille²¹, mas que quando questionado aos atendentes informaram que dominavam apenas o alfabeto através de uma oficina simples ofertada pela empresa. Questões como essas ainda deixam dúvidas sobre o verdadeiro avanço da época em que a minha mãe descobriu a surdez da Glau até os dias atuais.

Outro momento bastante importante para essa reflexão é sobre um acontecimento que ocorreu com a minha irmã em um cinema de um shopping da cidade. Na ida para assistir um filme em cartaz, fomos ao cinema e descobrimos um novo recurso recém-chegado e disponível para testes. O recurso tratava-se de um smartphone que era acoplado ao assento e que tinha um intérprete traduzindo as falas do filme. Minha irmã ficou surpresa e feliz com a tecnologia, pois pôde aprender os sinais referentes ao filme além de compreender mais sobre o que estava sendo retratado.

Figura 13: Glauciane no cinema utilizando recurso tecnológico



Fonte: Acervo pessoal

²¹ Sistema de escrita tátil utilizado por pessoas cegas ou com baixa visão.

Outro fato enfrentado por ela também foi acerca da liberdade em poder assistir os filmes em qualquer horário, antes podendo apenas escolher entre as últimas sessões do dia devido a disponibilidade de legendas. Em contrapartida, foi comentado por ela sobre as dificuldades de entendimento de algumas palavras lidas durante a assinatura do termo de responsabilidade do equipamento, além do despreparo dos funcionários responsáveis por instalar o equipamento que quase esquecem de instalar, se não fosse o meu aviso. Já sobre o uso, a única dificuldade é sobre o ângulo de visão entre o smartphone e o telão, pois devido ao pequeno atraso da intérprete, quando minha irmã acabava de compreender a fala, já pulava para outra cena e novamente deveria voltar a atenção ao equipamento.

Compreendo que, devido ao costume de ler legendas e observar o intérprete no canto inferior direito das televisões, quando há recurso disponível, essa nova tecnologia tornou-se um tanto quanto desconfortável para a Glauciane. No entanto, como estavam em período de testes, conversei com a Glau e mostrei que poderíamos informar esses pontos positivos e negativos para o setor do relacionamento com o cliente da empresa e que na próxima vez que voltássemos, poderiam haver melhorias no uso do produto.

Com essas situações, torna-se evidente a reflexão sobre a normalidade do surdo na sociedade, sobre a imposição desse paradigma quando se pensa em questões básicas, como: há alguma valorização da língua e cultura surda entre ouvintes? Quantos intérpretes existem nas redes de ensino, igrejas, centros de saúde e órgãos públicos? Existe algum estímulo necessário aos ouvintes para que aprendam Libras a fim de facilitar a comunicação com os surdos? E na escola, com quem o aluno se comunica? Pequenas questões como essas mostram em que lugar a inclusão de surdos permanece na sociedade, revelando uma relação de poder mais injusta e violenta, que oprime a pessoa surda.

Nesse processo de retomada das lembranças através da escrita, iniciei com o meu entendimento sobre o que era surdez, entender os motivos pelos quais a minha irmã não se comunicava de forma clara comigo como as outras pessoas faziam. Todo esse comportamento me tornou em uma pessoa observadora e reflexiva com as coisas que aconteciam ao meu redor, trazendo também algumas preocupações, pois se eu via o que acontecia de ruim com a minha irmã, imaginava o que acontecia em

momentos que não estávamos juntos, fazendo com que eu fosse uma criança focada nos estudos na busca de um futuro melhor.

No ensino médio, já tendo uma vontade de entrar no ensino superior, mas ainda em dúvidas sobre qual graduação escolher, retomei reflexões sobre as dificuldades que tive com a troca de escola particular para o ensino público, o choque que isso me causou e a posterior superação dessa dificuldade com o ingresso no curso de pedagogia em uma universidade pública. Sendo esta uma conquista significativa para toda a família por ser o primeiro a conquistar este espaço.

5. Considerações Finais

Escolher o memorial como trabalho de conclusão de curso permitiu-me aprofundar e viajar nas minhas memórias e com essa viagem poder refletir sobre a importância da minha irmã na minha vida, algo que nunca havia feito antes tão profundamente. Trouxe também a oportunidade de observar o meu ensino básico através de um olhar crítico-reflexivo, e não mais através do senso comum. Possibilitou-me também, responder aos questionamentos que tive não apenas na graduação, mas durante a vida toda para que você, leitor, entendesse as minhas dúvidas e como eu consegui sanar uma a uma na minha trajetória acadêmica.

Escrever um memorial é bastante desafiador, pois nem todos são aptos a expor-se, mesmo que de forma acadêmica, seus sentimentos sobre um determinado assunto. Eu sou um deles. Foram alguns dias sem dormir, refletindo sobre a forma como expor as situações nesta escrita, momentos de conversas com a minha mãe e irmã para que eu pudesse de fato lembrar os fatos e escrever de maneira correta. Como dito anteriormente, a diferença de idade entre mim e minha irmã é de treze anos, e isso afetou em alguns momentos da produção deste trabalho de conclusão de curso ao mesmo tempo em que me trouxe novos olhares e reflexões sobre situações que eu não vivi, por ainda não ter nascido.

Mesmo tendo contato direto com a Glau, por morarmos juntos até um certo período, nunca pude comentar sobre como me sentia através das situações em que ela passava por acreditar que ela não entenderia. Hoje sei como a nossa relação é importante para que ela possa se sentir mais confiante para enfrentar as dificuldades que ainda existem. No entanto, posso dizer que tudo valeu a pena e que a minha graduação foi marcada por um misto de choros e sorrisos que me trouxeram à liberdade de me reconhecer e ser eu mesmo.

Como todo trabalho acadêmico, foi um trabalho bastante cansativo, desafiador e difícil. Já estava quase sem força para concluir e acreditei que não iria conseguir. Conclui por mim, pela minha irmã e pela minha mãe, pessoas que sempre estiveram comigo e sempre me apoiaram nas minhas escolhas. É por elas também que luto todos os dias, por um futuro melhor, por uma boa carreira profissional e principalmente, por políticas de acesso à inclusão melhores do que temos atualmente.

Tive como objetivo dissertar esse memorial através de uma linha cronológica do meu convívio com a minha irmã, para que fosse compreendido a relação entre o

avanço da educação de surdos e o momento vivido pela minha irmã. Se não fosse possível a discussão de modelos inclusivos da educação durante essa longa trajetória, poucos avanços os surdos teriam alcançado até hoje.

Falar sobre a minha primeira noção quanto familiar de uma pessoa surda, os lentos avanços que conquistamos até os dias atuais e como isso refletiu na minha escolha para linha de pesquisa foi de extrema importância. Hoje a Libras está sendo disseminada. É perceptível o crescimento na demanda por professores de Libras ou que tenham formação em Libras, não apenas nos cursos de graduação em que essa disciplina é obrigatória, mas em diversos cursos, além da alta demanda no ensino básico.

É necessário agora, observar o modo no qual a Libras está sendo entendida nos âmbitos onde é utilizada. Uma das leituras feitas é de que se trata apenas de um “diferencial” e não a produção cultural legítima dos surdos. A escrita deste memorial me trouxe a percepção de que meu ensino superior sempre foi em torno da educação de surdos, inclusiva e de Libras. Lembro que de todos os assuntos nos quais eram abordados durante as discussões na sala de aula, esses eram os que mais me chamavam atenção. Todas as minhas experiências acadêmicas vivenciadas traziam mais certeza de que estudar a inclusão era a coisa certa.

Gostaria de estar mais presente na Universidade, de ter vivido mais as oportunidades que a UFPA apresente aos alunos, mas devido ao cotidiano de conciliar trabalho durante o dia e estudo durante a noite, não pude desfrutar das experiências da graduação na maior Universidade do norte do país. Hoje, enquanto cidadão e pedagogo, tenho uma visão crítica e reflexiva sobre a sociedade em que vivo, na tentativa de retribuir para esta sociedade uma educação baseada no respeito à diferença, inclusiva e atual. Isso resulta neste memorial acadêmico como um caminho aberto para que futuramente eu possa estudar e pesquisar muito além do que foi progredido no que se refere a educação de surdos no Brasil.

6. Referências

ABREU, M. C. & MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula: prática e princípios teóricos**. São Paulo: Cortez, 1990.

ARAÚJO, Luiz Alberto David. Direito das pessoas com deficiência. **Enciclopédia Jurídica da PUCSP**, 2017. Disponível em: <<https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/51/edicao-1/direito-das-pessoas-com-deficiencia#:~:text=2.-,A%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20de%201988%20e%20seus%20primeiros%20momentos,%E2%80%9Cpessoa%20portadora%20de%20defici%C3%Aancia%E2%80%9D>>. Acesso em: 15 mai. 2022.

ASSEMBLEIA GERAL DA ONU. “Declaração Universal dos Direitos Humanos”. Nações Unidas, 1948. Paris, art VI. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUK Ewi8jcWZ67X4AhVcupUCHTPmB3oQFnoECBMQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.oas.org%2Fdil%2Fport%2F1948%2520Declara%25C3%25A7%25C3%25A3o%2520Universal%2520dos%2520Direitos%2520Humanos.pdf&usq=AOvVaw2_V4L2L5ju36_vodiMO527> . Acesso em 01 jun. 2022.

BARROS, Alessandra Belfort; SILVA, Silvana Maria Moura da e COSTA, Maria da Piedade Resende da. Dificuldades no processo de inclusão escolar: percepções de professores e de alunos com deficiência visual em escolas públicas. **Bol. - Acad. Paul. Psicol. [online]**. 2015, vol.35, n.88, pp. 145-163. ISSN 1415-711X. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2015000100010> . Acesso em 01 jun. 2022.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985

BERNARDINO, Elidéa. **Absurdo ou Lógica?** Os surdos e sua produção linguística. Minas Gerais: Espaço, 2001.

BLANCO, R. **Aprendiendo en la Diversidad: implicaciones educativas**, In: Anais do III Congresso Ibero-Americano de Educação Especial. Vol. I, Foz do Iguaçu, Paraná, 2001.

CAIADO, K. R. M. **Aluno deficiente visual na escola: lembranças e depoimentos**. Campinas: Autores Associados, 2003.

CONTRATAÇÃO de PCD: como funciona, quais são as regras e o que diz a CLT!. **Pontotel**, 2020. Disponível em: < <https://www.pontotel.com.br/contratacao-de-pcd/> >. Acesso em 01 ago. 2022

CRISTIANO, Almir. O Congresso de Milão. Libras.com.br, 2020. Disponível em: <https://www.libras.com.br/congresso-de-milao#:~:text=O%20que%20foi%20o%20Congresso,da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20das%20pessoas%20surdas> Acesso em 22 jun. 2022.

CRUZ, D. L. **Família, deficiência e proteção social: mães cuidadoras e os serviços do Sistema Único da Assistência Social (SUAS)**. Monografia (Especialização em Gestão de Políticas Públicas de Proteção e Desenvolvimento Social), Escola Nacional de Administração Pública, Brasília, 2011.

DAZZANI, Maria Virgínia Machado. **A psicologia escolar e a educação inclusiva: Uma leitura crítica**. Psicologia: ciência e profissão, v. 30, p. 362-375, 2010.

DUARTE, Isabel Margarida. Do saber ao ensinar: em torno dos verbos introdutórios de discurso relatado. **A Linguística na Formação do Professor de Português: actas do Colóquio**, 2001.

_____. Educação Inclusiva: v. 4: a família. Brasília, 2004.

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991

GIKOVATE, Flávio. **A arte de educar**. MG Editores, 2001.

GOLDANI, Andrea. TOGATLIAN, Marco Aurélio. COSTA, Rosane de Albuquerque. **Desenvolvimento, Emoção e Relacionamento na Escola**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus, 1997.

Instituto Filippo Smaldone Belém <<https://institutofilipposmaldone.com.br/belem/>> Acesso em 15 jun. 2022

Lei que institui a Língua Brasileira de Sinais completou 20 anos. **Governo do Brasil**. Disponível em: <[https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2022/04/lei-que-institui-a-lingua-brasileira-de-sinais-completou-20-anos#:~:text=No%20domingo%20\(24%2F04\),3%20mil%C3%B5es%20com%20a%20defici%C3%Aancia%20severa](https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2022/04/lei-que-institui-a-lingua-brasileira-de-sinais-completou-20-anos#:~:text=No%20domingo%20(24%2F04),3%20mil%C3%B5es%20com%20a%20defici%C3%Aancia%20severa)>. Acesso em 25 mai. 2022.

MAGNO, Rodrigo. A Dificuldade da Pessoa Surda na Sociedade Brasileira. **JUSBRASIL**, 2021. Disponível em: <
<https://rodrigomagnorm.jusbrasil.com.br/artigos/1176514129/as-dificuldades-da-pessoa-surda-na-sociedade-brasileira> > . Acesso em 19 jul. 2022

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MAZZOTTA, Marcos J.S. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1996. 208 p.

MOREIRA, Laura Ceretta; BOLSANELLO, Maria Augusta; SEGER, Rosangela Gehrke. **Ingresso e permanência na Universidade: alunos com deficiências em foco**. *Educar em revista*, p. 125-143, 2011.

RODRÍGUEZ, R. **Pedagogia de la diversidad: más allá de los tipos y niveles de integración**. In: RODRÍGUEZ, R. & MARTÍNEZ, J. (orgs.) *Pedagogía y diversidad*. Habana: Abril, 2001.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. **"Síndrome de Down"**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/doencas/sindrome-de-down.htm>. Acesso em 20 jul. 2022.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 4 ed. Rio de Janeiro: WVA, 2002

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ana Paula Mesquita da; ARRUDA, Aparecida Luvizotto Medina Martins. O papel do professor diante da inclusão escolar. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 5, n. 1, p. 1-29, 2014.

SILVA, N.L.P.; DESSEN, M.A **Deficiência Mental e Família: Implicações para o Desenvolvimento da Criança**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.17, n. 2, pp. 133-141, 2001

SILVA, Solange Ferreira da. (1988). **Experiências e necessidades de mães após o diagnóstico de deficiência mental do filho**. Dissertação de mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.

SKLIAR, Carlos Bernardo. **Uma análise preliminar das variáveis que intervêm no Projeto de Educação Bilíngüe para os Surdos.** *Espaço Informativo Técnico Científico do INES*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 49-57, 1997.

Apêndices

Apêndice A – Formatura de Cláudia Santos no magistério, em Macapá - AP



Fonte: Acervo pessoal

Apêndice B – Registros com a Irmã Claudina



Fonte: Acervo pessoal

Apêndice C – Glauciane recebendo o primeiro aparelho auditivo, no Instituto Filippo Smaldone



Fonte: Acervo pessoal

Apêndice D – Participação na Feira Cultural na E.E.E.F.M Tiradentes I



Fonte: Acervo pessoal

Apêndice E – Participação dos professores Cléber Couto e Socorro Bonifácio na festa de 15 anos da Glauciane



Fonte: Acervo pessoal

Apêndice F – Momentos especiais em família



Fonte: Acervo pessoal



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO/TCC Nº 145/2022 - ICED (11.32)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 09/12/2022 18:50)

ANDREA PEREIRA SILVEIRA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
ICED (11.32)
Matrícula: ###624#9

(Assinado digitalmente em 10/12/2022 10:29)

CLAUDIO RENAN DOS SANTOS MOURA
DISCENTE
Matrícula: 2018#####8

Visualize o documento original em <https://sipac.ufpa.br/documentos/> informando seu número: **145**, ano: **2022**, tipo:
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO/TCC, data de emissão: **09/12/2022** e o código de verificação:
552bd34cc1